20º CONGRESSO BRASILEIRO DE Infectologia Pediátrica

DE 14 A 17 DE NOVEMBRO • SALVADOR/BA

Trabalhos Científicos

Título: O Desafio Da Atenção Às Crianças Com Sífilis Congênita

Autores: Marco Aurelio S. Alves; Amarilis Maldonado; Melissa Freitas; Vitor Guimarães; Regina Célia de Menezes Succi; Giovana Zorzetto; Aída F B Barbosa Gouvêa; Fabiana Bononi do Carmo; Daisy Maria Machado

Resumo: Introdução: Apesar de ser totalmente prevenível, o número de casos de sífilis congênita aumenta continuamente nos últimos anos. No município de São Paulo, o número de casos notificados passou de 543 (coeficiente de incidência: 3,1) em 2010 para 1111 (coeficiente de incidência: 6,6) em 2017. O objetivo deste estudo foi avaliar os casos de sífilis congênita atendidos num serviço universitário, com ênfase nas dificuldades de seguir o protocolo de acompanhamento preconizado pelo Ministério da Saúde. Métodos: Num período de 24 anos (1993 a 2017) foram encaminhadas ao serviço 326 crianças com diagnóstico de sífilis congênita, sendo que 73 mães (22,4%) eram co-infectadas (HIV e/ou HCV e/ou HBV e/ou TB). Foram avaliados os prontuários de 209 crianças para verificar o acompanhamento por 12 meses. Estudo aprovado pelo Comitê de ética institucional. Resultados: 62 dessas crianças ainda não completaram 12 meses e, portanto, não foram incluídas no estudo. Das 136 crianças com acompanhamento > 12 meses avaliadas, 13 nasceram antes do ano 2000; 29 de 2000 a 2010 e 94 de 2011 a 2017. 112/136 mães referiam acompanhamento pré-natal (82,4%). Completaram os 12 meses de acompanhamento no serviço com realização dos exames necessários para confirmar a infecção congênita e identificar possíveis complicações da doença, 92 crianças (67,6%). Abandonaram o acompanhamento 44 crianças (32,4%). A taxa de abandono do tratamento foi de 30,8% entre as crianças nascidas antes de 2000, 17,2% entre as nascidas de 2001 a 2010 e 37,2% entre aquelas nascidas depois de 2011. 11/44 (25%) mães de crianças que abandonaram o seguimento e 13/92 (14,1%) das mães de crianças que fizeram acompanhamento adequado não realizaram pré-natal. 42/136 (30,9%) mães eram coinfectadas (39 com HIV, 2 com HCV e 1 com TB); a taxa de abandono do seguimento entre mães coinfectadas foi de 37,0% e entre as mães monoinfectadas foi de 18,2%. 28 mães (20,6%) eram usuárias de drogas ilícitas; a taxa de abandono do seguimento entre mães usuárias de drogas foi de 25% e entre mães não usuárias de drogas foi de 18,5%. Discussão e conclusões: apesar de ser um serviço de referência, com atenção especializada às mães e crianças e chamada dos faltosos, a taxa de abandono do seguimento foi alta, sendo >37% nos últimos anos. Filhos de mães coinfectadas apresentaram melhor adesão ao acompanhamento e mães usuárias de drogas ilícitas apresentaram maior taxa de abandono de seguimento. É necessário traçar estratégias que facilitem a adesão ao acompanhamento e cuidado dessa população.